

O SEPULCHRO DE JESUS CHRISTO.

Quadro de Rubens. — Gravura de Coelho.

O supremo sacrificio estava consummado; o Homem Deus, o cordeiro innocente e immaculado, o fundador e o primeiro martyr de uma religião sublime, destinada a regenerar a humanidade corrompida, soffrêra o supplicio dos grandes facinorosos em expiação das culpas e peccados dos mesmos homens!

A sociedade antiga, minada pelos profundos vicios, que as doutrinas luminosas de Christo haviam revelado em toda a sua hediondez, estava prestes a alluir-se; a sociedade nova já se via alvorecer n'um horisonte proximo; e a cruz, mysterioso symbolo da Egreja nascente, arvorada no alto do Golgotha, como instrumento affrontoso de morte, devia ser o glorioso labaro que conduzisse as gerações futuras ao gozo de uma felicidade desconhecida até então, e que se estendia ainda além do mundo.

O grande crime, o maior crime que se ha commettido desde que o universo foi creado, realisára-se inteiramente, com todas as circunstancias que as Escripturas tinham annunciado.

A propria natureza como que demonstrou em prodigiosos successos a divindade de Jesus Christo, e a sublimidade da sua missão, roborando a fé esmorecida dos discipulos e sectarios, abalando e aterrando a incredulidade cega e pertinaz dos phariseus e dos pagãos.

Tremeu a terra violentamente; o sol, coberto de um denso véo, escondeu por algum tempo os seus raios, entristecendo e apavorando o mundo absorto;

rasgou-se o véo do templo, diante dos sacerdotes da antiga lei, espavoridos e attonitos; abriram-se as sepulturas, e Jerusalem, a reprovada, e Jerusalem, a maldita, cheia de horror, recebeu dentro em seus muros a medonha visita dos que já eram finados de ha muito!

O transtorno de toda a ordem natural no mundo physico foi apenas uma debil imagem da metamorphose por que passou o mundo moral.

« Romperam-se os horisontes do homem que o paganismo acanhava; e além do tumulo, acima da terra, apontou a Fé para a celeste morada, como para a verdadeira patria dos filhos de Adão.

« D'esse dia em diante a egualdade na presença de Deus livelou o poderoso com o indigente, a victima com o oppressor. Os que choraram consolaram-se, esperando que as suas lagrimas pesariam na balança do Juiz, e que a summa rectidão pagaria as tristezas aos desherdados do mundo com as venturas perennes de Lazaro, o mendigo.

« Uma revolução immensa, a reacção da verdade divina e da moral, rebentou das raizes d'aquelle madeiro de ignominias, aonde o odio dos phariseus e a cumplicidade dos romanos imaginaram afogar a idéa nova em vilipendios e em sangue. » ([1])

Consummada a parte dolorosa do mysterio, seguia-se, segundo as divinas promessas, a preparação para o glorioso triumpho do Filho de Deus na terra.

E estava escripto que o Salvador seria sepultado como um simples mortal, e que só ao fim do terceiro dia resurgiria das trevas do sepulchro.

E este episodio do grandioso drama da Redempção que o auctor do quadro, de que a gravura é fiel transumpto, excellentemente debuxou, e que o evangelista S. João, o discipulo amado, refere nas seguintes singelas palavras:

« E depois rogou a Pilatos José de Arimathéa (que era discipulo de Jesus, porém occulto por medo dos judeus) que podesse tirar o corpo de Jesus, e Pilatos lh'o permittiu. Veiu, pois, e tirou o corpo.

« E veiu tambem Nicodemus (aquelle que d'antes de noite tinha vindo a Jesus) trazendo um composto de myrrha e áloes, de quasi cem arrateis.

« Tomaram pois o corpo de Jesus, e o envolveram em lençoes com as especiarias, como é costume dos judeus sepultar.

« E havia uma horta n'aquelle logar, aonde fôra crucificado, e na horta um sepulchro novo, em que ainda nunca alguem havia sido posto.

« Alli pois (por causa da preparação da Paschoa dos judeus, e porque aquelle sepulchro estava perto) pozeram a Jesus. » ([2])

Não é possivel apreciar devidamente uma obra artistica d'esta ordem por uma simples gravura, ainda que aprimorada; o colorido, a luz, a expressão das physionomias são cousas que ou escapam ao buril, ou não podem ser por elle exactamente reproduzidas.

Póde todavia julgar-se do pensamento que presidiu á composição do desenho, da disposição das figuras, e dos accessorios finalmente. É debaixo d'este ponto de vista, a pintura de Rubens é excellente.

O grande mestre sustentou-se na altura do assumpto que escolhêra para o seu trabalho, e este bello quadro, ainda mesmo desataviado, como apparece, dos naturaes adornos, excita um profundo sentimento christão, recordando de um modo eloquente um dos augustos mysterios que a Egreja catholica celebra n'esta semana a que justamente chamâmos Santa.

P.

([1]) Rebello da Silva, *Vida de Jesus Christo.*
([2]) S. João, cap. xix, v. 38 a 42.

AFFONSO SANCHES COELHO.

I.

O imperador Carlos v vivia ainda, mas já não reinava. Encerrado no mosteiro de Yuste, procurava no socêgo do claustro a felicidade que em vão buscára na ruidosa e brilhante vida de monarcha.

Sem alegria, ao menos ostensiva, ficou Filippe II herdeiro de seu pae vivo, não obstante ser a herança a mais bella coroa da Europa e do mundo inteiro, dominios em que o sol não tinha occaso. Casado com uma mulher doze annos mais velha do que elle, naturalmente triste e misanthropo, occupava-se dos negocios do reino com perseverança e obstinação, mas sem enthusiasmo nem interesse, como se cumprisse dever penoso. D'este modo passava o dia sem que o menor descanço, nem a mais ligeira distracção lhe serenasse a fronte enrugada pelo trabalho e cuidados. Chegada a noite, retirava-se ao oratorio, onde permanecia só, sem que voz amiga lhe quebrasse a soledade.

A rainha vivia separada d'elle. Uns attribuiam o sombrio caracter do rei á dor inconsolavel que lhe causára a morte de sua primeira mulher, a princeza D. Maria, de Portugal; outros a uma enfermidade fatal, que o filho de Carlos v padecia desde o berço. O facto é que ninguem o viu jámais sorrir, e que mesmo os antigos servidores nunca se lhe aproximavam senão temerosos, apesar de não lhe ter jámais saído dos labios uma unica palavra dura. Quando tinha que reprehender bastava-lhe um gesto ou um olhar. O seu velho moço de camara, Fernando Leyva, morreu de desgosto por ter recebido um d'esses mudos testimunhos de enfado.

A unica distracção de que o rei gozava em certa epocha era percorrer de noite as ruas de Bruxellas. Dois ou tres guardas de confiança velavam de longe pela sua vida, sem o perderem de vista. Vestido como homem do povo, Filippe II embuçado em capa larga, cruzava os bairros mais desertos, parava e escutava ás portas, procurava espreitar pelos ralos dos postigos, e d'este modo apanhava muitas vezes os segredos das familias, dos quaes se servia quasi sempre para pôr em guarda e intrigar as pessoas a quem pertenciam ou interessavam; e só em raras occasiões fazia máo uso d'elles, contentando-se com surprehender a pobre gente. Logo que tinha disposto a sua comedia, preparava communmente o desenlace com algum acto de munificencia, que realisava o *Deus ex machina.*

Certa noite que, segundo o costume, discorria pela cidade, descobriu um joven, que dormia profundamente sobre um d'esses poyaes, que n'aquella epocha havia diante das portas de quasi todas as casas. Chegando-se a elle, deu-lhe uma palmada no hombro, e despertou-o.

— Não sabeis, lhe disse em flamengo, que é prohibido dormir ao relento? Agora mesmo vae passar uma patrulha, e vos levará preso.

— Não me dá isso cuidado, respondeu o joven em portuguez; pois agora mesmo vou concluir um negocio, que suppunha não poder ultimar antes de raiar o dia.

— Negocio! e a similhante hora!

— Sim, e negocio importante.

— Se não é arrombar portas e roubar algum cidadão, não sei de que negocio podeis occupar-vos a estas horas, em que todo o mundo dorme.

— É verdade, tambem já me lembrou isso do roubo e portas arrombadas. Se devo julgar pelo modo desembaraçado com que me fallaes d'essas cousas, é exercicio a que pareceis acostumado. Já deixei esse máo pensamento, e tornei á minha primeira idéa.

— E póde saber-se que idéa é essa?

— Não costumo fazer meus confidentes os que encontro na rua ás dez da noite. Só vos peço um favor: como estrangeiro não sei a que parte fica o rio. Indicae-m'o.

Filippe II cedeu ao desejo do desconhecido. Deixou-o partir, mas segui-o sem o perder de vista. Chegado ao rio, parou onde a claridade da lua lhe mostrava o litoral mais escarpado. Ajoelhou, pareceu pronunciar uma breve oração, e ía precipitar-se, quando se sentiu agarrado pelo pescoço.

— Era el-rei que o salvára.

— Não me façaes commetter uma má acção antes de morrer, disse o rapaz sacando da adaga que cingia. Devo escolher entre a morte e o crime. Deixae-me morrer, ou vos atravesso o coração.

— Pois sois christão, e quereis suicidar-vos!?

— Estranho direito é o que vos arrogaes de perguntar-me, e julgar-me, e mais estranho é ainda, que eu vos responda e acceite a auctoridade que pareceis querer exercer sobre mim. Já que a sorte assim o quer, sabei que saí de Lisboa com a esperança de encontrar uma joven que amo, e que seus paes me negam. Mas ella saiu de Bruxellas com seu pae! Acabei todos os meus recursos. Não encontro onde ganhe um unico maravedi. Que quereis que faça? que siga o vosso conselho? que roube?

— E pensaes na loucura de casar, quando estaes na miseria?

— Em Lisboa não fôra pobre. Se os paes de D. Luiza Reynaldo tivessem consentido na nossa união, sem dúvida seria agora pintor de D. Joanna ([1]) irmã do vosso rei Filippe II. Os fidalgos que não quizeram tomar por genro um pintor partiram para aqui, onde o pae acaba de desempenhar uma missão importante junto ao rei. Tel-os-hia seguido ao fim do mundo, porque levavam comsigo a minha alma; mas elles viajam em coche, e eu a pé. Quando cheguei já tinham partido para outra parte, e não tenho sabido para onde. Hontem, morto de fome, sem ter uma *branca* ([2]) sequer, propuz a um estalajadeiro tirar-lhe o retrato pelo preço de uma ceia. A resposta que me deu foi pôr-me na rua. Deixae-me afogar, porque já o demonio, mais de uma vez, me tem inspirado ruins idéas. Deixae-me . . . que a miseria é terrivel conselheiro.

— É mister não desanimar tão depressa.

— Mas que remedio ha quando se tem fome? Não comer? . . .

— Não fazieis um retrato por um escudo? Pois eu desejo tirar o meu. Dou-vos, para satisfazer a minha phantasia, vinte libras tornezas. Tomae esta moeda de ouro, que vale um pouco mais. Amanhã me dareis o resto.

— Não quero esmolas, disse o portuguez, recusando a moeda.

— Isto não é esmola, é preço do retrato que me haveis de fazer. Tomae. . . . Escrevei e assignae á luz da lampada que alumia essa madona um bilhete concebido n'estes termos: — «Recebi o preço de um retrato que farei e entregarei ao portador d'este.»

O mancebo escreveu com lapis no papel que lhe forneceu o desconhecido, e assignou-se *Affonso Sanches Coelho*. Iam separar-se quando o pintor chamou o desconhecido.

— Mas como vos hei de achar, se não sabeis, nem eu mesmo ainda sei, onde vou pousar?

— Não tenhaes cuidado, que eu vos buscarei.

Coelho retomou a bolsa que continha os pinceis e as tintas, deitou-a ás costas, e dirigiu-se a uma estalagem. Bateu, e não sem algum trabalho conseguiu que lhe abrissem.

(1) Rainha de Portugal, mãe d'el-rei D. Sebastião.
(2) Moeda d'aquelle tempo.

Na manhã seguinte ainda dormia, quando lhe entrou no quarto um criado perguntando por elle.

— Senhor, lhe disse, ha muitos dias que vos busco por toda Bruxellas. É preciso que vos apresenteis já a sua magestade catholica el-rei D. Filippe II, que vos manda chamar.

— O rei?

— Sua magestade mesmo.

— Mas com a minha roupa esfarrapada não estou em estado de apparecer diante d'um monarcha.

— É mister obedecer-lhe, porque el-rei não gosta de esperar. Vinde agora mesmo, sem que vos dê cuidado o traje.

Coelho deixou-se levar pelo criado. Pelo caminho a si mesmo perguntava que lhe quereria Filippe II, e como soubera que chegára a Bruxellas um moço tão obscuro.

Filippe II, segundo o seu costume, estava vestido de preto, e rodeado dos principaes da corte. O joven pintor, não sem vergonha e repugnancia, penetrou com sua miseravel vestimenta na régia estancia, por entre tão brilhante turma de cortezãos.

— Affonso Sanches Coelho, lhe fallou el-rei, nossa mui amada irmã nos disse que estaveis em Bruxellas, e vos recommendou efficazmente como seu pintor favorito. Quizeramos dever ao vosso talento um quadro que representasse alguma passagem da vida do nosso bemaventurado patrono, para adornar com elle a egreja de Santa Ursula, no mesmo dia da festa de S. Filippe, que será dentro de um mez.

— Algo curto é o prazo; mas, para obedecer a vossa magestade, e provar-lhe o meu reconhecimento por este generoso gazalhado, comprometto-me a concluir o quadro na vespera do dia de S. Filippe.

— Acceito a palavra. N'este palacio se vos dará habitação e quarto para o trabalho. Ficam á vossa disposição os nossos criados. O nosso thesoureiro vos facilitará as sommas de que necessitardes.

Coelho suppoz estar sonhando. Não póde, porém, duvidar que o sonho era realidade, ao ver-se n'um aposento quasi regio, rodeado de criados promptos a servil-o, e diante de um cavallete e de uma grande tela, em que principiava o bosquejo do quadro pedido pelo rei.

Apesar do afan e perseverança com que o pintor trabalhava, a obra era tamanha, que, para ter alguma esperança de a concluir no dia prefixo, até consumia n'ella muitas noites, não levantando mão do trabalho, e sacrificando-lhe mesmo tempo necessario ao repouso, esperava poder desempenhar a sua palavra. Nas vesperas do termo fatal trabalhava, animado d'esta esperançça, quando de repente viu entrar no quarto um desconhecido, que exclamou ao vel-o:

— Achei-vos em fim! Muito trabalho me tem custado! Mas como havia de imaginar que o homem que queria afogar-se por não ter que comer, viveria no palacio d'el-rei, servido por não sei quantos criados? Eia, pois, minha mulher chama-se Filippa, e vós deveis-me um retrato que vos paguei anticipadamente. É preciso que m'o façaes depressa para lh'o offerecer no dia do seu santo.

Em quanto este homem fallava, procurava o pintor lembrar-se da sua voz, e do que de suas feições podéra reconhecer na noite d'aquella rara aventura. Nada lhe parecia ser do que então vira e ouvira; mas como este homem relatava circunstancia que ninguem mais podia conhecer, e sobretudo apresentava o recibo escripto á luz da lampada da madona, respondeu-lhe que estava prompto a pagar a divida, mas não para a festa de S. Filippe, porque necessitava primeiro acabar um quadro que el-rei lhe encommendára com urgencia.

— Primeiro estou eu, que el-rei; quero dizer, que primeiro que elle vos encommendei o meu retrato,

e, se eu não fosse, a estas horas não terieis a palheta nas mãos. Reclamo o retrato. Deveis fazer-m'o senão quereis passar por embusteiro.

— Tendes razão, disse Coelho. Conheço que arrisco a minha fortuna, que faltar á palavra dada a el-rei é perder tudo. Mas não importa; sentae-vos e descançae.

O desconhecido sentou-se, e Coelho principiou o retrato. A physionomia que retratava era formosa, cheia de intelligencia e de finura. Frequentemente olhava para o trabalho do pintor com curiosidade, e até deixou perceber que era entendido na arte, segundo Coelho póde colligir de tres ou quatro observações que involuntariamente lhe escaparam.

Depois de seis horas de trabalho ficou o retrato mui adiantado. Pouco tempo mais era necessario para o concluir. O pintor descançou, e convidou o seu modelo para o seguinte dia, que era vespera de S. Filippe. Effectivamente n'elle se concluiu o retrato; por isso velou toda aquella noite, porque o quadro d'el-rei não estava ainda acabado. Vergando ao peso da fadiga, manejava ainda o pincel, quando Filippe II entrou ao amanhecer no aposento

Ao ver que o quadro não estava acabado, o semblante do rei expressou vivo desagrado.

— Faltastes á vossa palavra! disse el-rei com aquelle tom severo que n'outro tempo matára o seu velho criado Leyva.

Coelho abaixou a cabeça, e nada respondeu. El-rei dirigiu então a vista em roda, e viu o retrato do desconhecido.

— Por S. Filippe! Entretivestes-vos em fazer o retrato d'um particular, em logar de vos occupardes com a minha obra! Graças á vossa exactidão, não poderei fazer hoje a offerta do quadro que vos encommendei, e haverá que suspender a ceremonia por vossa causa. Mestre Coelho, isto é negocio grave!

Repetindo estas ultimas palavras, Filippe II saiu, deixando o joven pintor na maior consternação.

Meia hora depois recebeu Coelho ordem para se apresentar immediatamente a el-rei. O artista desgraçado obedeceu, e não sem terror viu o grão preboste sentado na sala do recebimento, contigua ao aposento de Filippe II.

— Mestre Affonso Sanches Coelho, lhe disse el-rei, faltastes á vossa palavra, mas cumpristes uma promessa que me tinheis feito.

Coelho olhou para el-rei com surpreza.

— Sim, continuou Filippe II, o rei e o desconhecido que encontrastes n'aquella noite são uma mesma pessoa, com a unica differença de haver-vos mandado em meu logar, para que o retratasseis, o mais celebre professor que tem os Paizes-baixos, e a cidade de Anvers. Podeis concluir com commodidade o vosso quadro de S. Filippe, que agora vamos tratar de umas bodas.

Soprou então n'um apito de prata que trazia na cintura, e Coelho viu entrar mestre Ottovenio, que conduzia pela mão a joven D. Luiza Reynaldo. Atraz d'elles vinham seu pae e sua mãe.

Affonso Sanches comprehendeu logo tudo, e lançou-se aos pés do rei.

Em poucos minutos na capella do palacio se celebrava o casamento do pintor com D. Luiza.

II.

Filippe II chegou a professar a Coelho grande amizade, como nunca professára a nenhuma pessoa. Regressando a Hespanha, trouxe comsigo o artista, e quiz tel-o por companheiro em quasi todas suas expedições militares. Quando Coelho o não acompanhava, escrevia-lhe sempre de sua propria mão, e dava-lhe nas cartas o nome de filho, pondo no sobrescripto: *Al muy amado hijo Alonso Sanchez Coello.*

Aqui está como o historiador Francisco Pacheco conta a amizade que Filippe II tinha ao pintor portuguez.

«El-rei lhe deu por alojamento habitações espaçosas, todas proximas a palacio; e como só elle tinha chave da communicação, ia muitas vezes por uma galeria secreta ao quarto do artista, e o surprehendia com a familia a horas de jantar. Se o pintor fazia o mais ligeiro movimento para levantar-se e saudal-o respeitosamente como a seu rei, lhe ordenava que ficasse quieto no seu assento, e passava logo, como por passatempo, ao quarto do trabalho. Outras vezes surprehendia-o sentado, pintando, e aproximando-se-lhe por detraz, lhe punha a mão sobre o hombro; e então, tambem, quando Affonso, vendo-se tão favorecido do monarcha, tratava de levantar-se, el-rei o obrigava a sentar-se e continuar.

«Coelho retratou muitas vezes el-rei, armado, a pé, a cavallo, em traje de viagem, de mil maneiras. Retratou egualmente dezesete pessoas reaes, entre rainhas, principes, infantes e infantas, que o honravam e estimavam, até ao extremo de entrarem familiarmente na sua habitação para jogarem e se distrahirem com sua mulher e filhas. Os principes mais poderosos do mundo encheram-no tambem de honras e distincções, como foram os papas Gregorio XIII e Xisto V, o grão duque de Florença, o de Saboia, o cardeal Alexandre Farnesio, irmão do duque de Parma, etc.

«Jámais faltou á sua mesa um grande de Hespanha, ou um gentilhomem d'alto nascimento; porque, sendo favorecido por um monarcha tão grande e poderoso, muitos aspiravam a sel-o pelo artista. Sua casa foi frequentada pelos principaes senhores do seu tempo, o cardeal Grambellas, o arcebispo de Toledo D. Gaspar de Quiroga, o arcebispo de Sevilha D. Rodrigo de Castro; e o que ainda é mais, D. João d'Austria, principe D. Carlos, e uma multidão de senhores, de grandes, de embaixadores, até ao ponto de se encherem muitas vezes dois grandes pateos da sua casa, de cavallos, liteiras, carroças, e cadeirinhas. Chegou a ser o pintor mais famoso do seu tempo, e ganhou mais de 55:000 ducados.»

Os quadros de Coelho são mui raros. Entre outros ha um S. Sebastião e um retrato do principe Carlos no museu de Madrid. Em casa de Mariátegui, architecto mór que foi de Madrid, intelligente apreciador de bellas artes, entre o grande numero de quadros que a decoravam, devidos aos pinceis dos melhores pintores hispanos, como Murillo, Goya e outros, havia um de Coelho, representando um cão adormecido, que indubitavelmente era dos mais acabados de artista tão celebre.

O nosso distincto escriptor José Felix Nogueira, cuja morte recente e prematura tem sido tão geralmente sentida, n'um fragmento das suas viagens (*Revista Peninsular*, vol. II, pag. 465), tratando da visita que em Hespanha fez ao Escurial, diz que n'aquella egreja — «se nota com distincção o retabulo do altar de S. Lourenço, pintado por um artista portuguez, Affonso Sanches Coelho, que Filippe II honrára com a sua confiança.»

No mesmo templo, em diversos logares e altares, houve outros trabalhos do nosso artista, como S. Gregorio e Santo Ambrosio — S. Basilio Magno e Santo Athanasio — S. Jeronimo e Santo Agostinho — S. Paulo e Santo Antão, abbade — S. Lourenço e Santo Estevão, martyres — S. Vicente e S. Jorge, martyres — Santa Clara e Santa Escholastica — Santa Paula e Santa Monica — Santa Catharina e Santa Ignez — S. Bento e S. Bernardo.

Veja-se Volkmar Machado, *Memorias dos Pintores*, pag. 66, e Ponz, *Viagem em Hespanha*.

Coelho fôra discipulo de Raphael, em Roma, e de

Antonio Moro, em Hespanha, seguindo, segundo Palomino, a eschola do primeiro. Falleceu pelos annos 1600. Lope de Vega o celebrou e elogiou no seu *Laurel de Apollo*. No folheto *Distribucion de los premios* pela real academia de S. Fernando, 1781, pag. 67, referindo-se que Filippe II cognominára Coelho o *Ticiano portuguez*, se diz, que elle era merecedor d'este nome *pelo exacto desenho e bello colorido* que brilha em seus retratos; acrescentando-se que — «Jámais artista algum se viu tão favorecido da fortuna, como Sanches Coelho.»



A Esperança. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

A esperança é uma das tres virtudes theologaes, pela qual, corrigindo as nossas culpas e confiando na infinita graça de Deus, esperâmos merecer a gloria de gozar a vida eterna. Por onde se vê que o fim da esperança é a posse de Deus, e os meios para conseguir esta posse, a obediencia, observancia e pratica das leis que o supremo Creador nos revelou pela bocca de Jesus Christo. Augmenta-se e fortalece-se a esperança meditando constantemente e crendo na bondade, graça e amor eterno de Deus, nos merecimentos de Christo e na sua intercessão junto a seu pae. Diminue-se e apaga-se a esperança, quando, julgando imperdoaveis os nossos peccados, desesperâmos da misericordia divina, ou reputâmos impossiveis os meios de obter a salvação; e quando caímos na presumpção, isto é, quando nos persuadimos facilmente da absolvição das nossas culpas, desprezando a pratica das virtudes e da penitencia, ou confiando mais nas nossas forças, do que na graça de Deus.

A religião colloca a esperança depois da fé, porque ella é filha d'esta mãe de todas as virtudes. Sem fé não ha esperança conforme á vontade de Deus. O gêlo que apagar o fogo de uma, extingue necessariamente o da outra. É possivel crer sem esperança, como acontece quando se desespera; mas o que nós não podêmos é ter esperança sem crer. É a fé que nos conserva e inflamma o desejo ou amor da vida. É a fé, é a crença n'uma Providencia que vela sobre as nossas cabeças, que nos protege e desvia dos perigos, encaminhando-nos pela estrada da salvação, que nos cerra os olhos do desfallecimento ao apontar das tormentas que, n'este mundo e n'esta sociedade, a cada passo nos ameaçam e soçobram. O homem não se resigna a atravessar as tempestades mundanas senão com a esperança de gozar um dia de bonança. No momento em que descrêsse d'esse dia, suicidar-se-hia immediatamente. Em presença dos males physicos que lhe dilaceram o corpo, e das enfermidades sociaes que lhe torturam o espirito, afraca e acobarda-se, porque se reconhece impotente. Ao precipitar do raio o seu braço paralysa. Ao chegar dos infortunios a sua alma esmorece. É na fé que as forças d'um e d'outro se reanimam e alentam. É com o fogo sagrado que lhe ateiam sobre a cabeça a fé e a esperança, que elle cresta as pontas agudas dos espinhos que o flagellam, e lhes minora assim os terriveis effeitos. É só depois d'esta sublime e heroica acção, que revela a sua crença; é só depois de depor o seu destino nos braços da misericordia divina, o que denuncia a sua esperança, que o receio e o temor o abandonam. O fraco converte-se então em forte; o impotente em poderoso. Era, ha pouco, o homem que temia o perigo; agora é o perigo que respeita o homem. Crescei, espinhos, crescei, e juncae a terra, que não me intimidaes. Saí de vossas cavernas tenebrosas, espiritos malignos, saí, e empestae o ar com o vosso halito venenoso, que não me fareis recuar. Hei de caminhar sem medo de ferir os pés; hei de respirar sem receio de corromper o peito, porque a fé, inflammando-me o coração d'esperança, me diz que, não obstante os vossos maliciosos intentos, hei de encontrar a felicidade que desejo, o repouso por que anceio, os gozos d'alma por que suspiro. Quando Deus disse: «Trabalha que eu te ajudarei» significava: — Se não tens esperança no fructo do teu trabalho, é porque não tens fé no auxilio de Deus. Trabalha, trabalha, que Deus te reanimará as forças quando a fadiga t'as desfallecer, e abençoará essa terra que estás regando com o suor do teu rosto. — Quando disse: «Bate, e a porta se te abrirá» significava: — Se descrês da hospitalidade, é porque déste com um impio. Torna a bater, bate, que Deus tocará o coração d'esse impio inflammando-lh'o de caridade. — É convicto de que o guia o braço de Deus, o homem caminha, caminha sempre resignado e alegre por entre todas as privações e soffrimentos da vida terrestre. E quando sôa a hora suprema, em que o fio da sua transitoria existencia se ha de desprender das illusões mentirosas do mundo, o crente não morre nos braços da morte; adormece no collo da esperança, onde já não acorda senão para gozar da eterna e venturosa companhia do supremo Creador.

A esperança que nasce dos desejos do orgulho, da vaidade e ambições mundanas, não é a esperança de que temos fallado. Não é essa esperança que accende no coração do homem o amor de Deus e do proximo. É uma esperança immoral e impia, porque não dimana da fé religiosa: funda-se no egoismo e na ordem ou transformação material das cousas. É a esperança natural, é a esperança do atheu. Muitos auctores tem confundido esta esperança com a outra, e n'esse gravissimo erro caíu o proprio poeta que cantou em phrases de ouro as bellezas do christianismo, o immortal Chateaubriand, quando, tratando da fé e da esperança christãs, diz: «Um pequeno numero de soldados, persuadidos da habilidade do seu general, obram miraculos. Trinta mil gregos seguem Alexandre na conquista do mundo; Babylonia presume-se nascida para as grandezas, e as grandezas prostituem-se á sua fé mundana. Acha-se o homem illudido nos seus projectos? É porque não desejou com ardor.» Ora a fé e a esperança dos vicios nunca podem servir para conduzir á fé e á esperança das virtudes. São extremos que se repellem; inimigos irreconciliaveis. Quasi sempre os primeiros nos conduzem ao peccado e á perdição; os segundos encaminham-nos sempre á salvação. Não é, de certo, com os auxilios de Deus; não é, de certo, inspirados pelos merecimentos, todos de paz e harmonia, todos de caridade e misericordia, todos de fraternidade e amor de quem regula ceos e terra, que aquelle pequeno numero de soldados confia no seu general, e corre cheio de ardor a assassinar um povo innocente nas ambições e discordias dos thronos, a sacrificar as donzellas no altar da infamia, a espalhar, em fim, a desolação, o lucto, o exterminio por toda a parte aonde a furia os leva e precipita. A fé e a esperança de Babylonia foram a causa da sua desastrosa ruina e eterno desapparecimento. Muitas vezes o máo exito de um condemnavel projecto tem servido ao homem como de aviso, sustendo-o a meio caminho do crime.

D'essa fé e d'essa esperança que anima a ambição dos generaes, e abraza o ardor dos soldados; d'essa fé e d'essa esperança que fortalece e lisonjea os animos vaidosos das nações e dos imperios; d'essa fé e d'essa esperança que apaga no coração do homem o amor da caridade, para o substituir pelo amor egoista e exclusivo de si só, está o mundo ainda profundamente contaminado. Ditosa da humanidade quando elle não volver os olhos senão para a fé e para esperança de que Jesus Christo nos deu admiravel exemplo no mysterio profundo da sua paixão.

NOGUEIRA DA SILVA.

RESUSCITADA POR AMOR.

I.

Entre os processos celebres, cuja tradição sentimental ou terrivel chegou a ser de certo modo popular, o processo de Clemencia Lafaille e Jorge de Garan é indisputavelmente um dos mais curiosos. Em nenhuma das collecções, em que successivamente se tem ido archivando os grandes e dramaticos debates judiciaes, se faz entretanto menção d'elle. E por isso que, para fazer agora relação das suas peripecias, foi preciso recorrer a documentos mui raros e pouco conhecidos, e sobre tudo a uma memoria de mr. de Comiras, advogado distincto do parlamento de Paris, assim como ao resumo da controversia sustentada pelas academias de medicina e cirurgia, sobre uma das questões suscitadas no processo.

No mez de março de 1707 Luiz XIV, que estava em toda a plenitude do poder e auctoridade real, houve por bem conferir a presidencia do parlamento de Paris a mr. Lafaille, um dos vogaes mais distinctos do parlamento de Tolosa. Oriundo de uma das mais illustres familias de Languedoc, Lafaille tinha entre seus antepassados embaixadores, senescaes, regedores, e militares de nomeada. Sabio, integro, como a generalidade dos magistrados d'aquella epocha, unia á austera sagacidade do juiz a requintada urbanidade do homem do mundo. Com aquelle tacto e delicadeza que distinguem os homens de grande talento, o conselheiro do parlamento de Tolosa havia

sabido brilhar, tanto na vida publica por sua gravidade e prudencia, como nos salões por sua amabilide e atticismo. D'elle dizia o illustre primeiro presidente Achilles de Harlay que: — « Na sua pessoa o dom de agradar andava junto ao dom de convencer e persuadir. »

Lafaille era viuvo. Se nunca quiz passar a segundas nupcias, foi por ter concentrado todas as esperanças, todos os cuidados, toda a ternura, n'uma filha unica que estremecia. Clemencia, que assim se chamava ella, tocava os dezeseis annos, quando seu pae, obedecendo ás ordens do rei, tomou posse em Paris da presidencia do parlamento.

Uma vez estabelecidos na capital, não tardou que pae e filha fossem desejados nas melhores reuniões. As dos palacios Rambouillet e la Rochefoucault havia muito tempo que não existiam; mas tinham-lhes succedido outras, onde reinava franqueza, paz, elegancia e bom gosto; onde genio, graças e talento eram acolhidos com avidez e distincção.

Certa senhora, viuva de um tenente general dos reaes exercitos, vivia então em Paris com seu filho Jorge de Garan, capitão do regimento de La Fere. Esta dama, que gozava mui boa fortuna, era tambem oriunda de Tolosa, onde seu filho estivera de guarnição, e merecêra a Lafaille as maiores distincções. A especie de sympathia, que une instinctivamente as pessoas de um mesmo paiz, serviu para estreitar mais as relações de ambas as familias. Lafaille e Clemencia, a viuva de Garan e Jorge, no conceito dos conhecidos deviam em breve formar uma unica casa. A formosura, riquezas e esmerada educação de Clemencia correspondiam admiravelmente aos principios de honradez, valor, e talento do joven capitão. Seus nascimentos eram eguaes.

Um poderoso auxiliar veiu secundar ainda os votos secretos de Lafaille e da senhora de Garan. O amor tinha-se insinuado, talvez sem se aperceberem d'isso, no coração dos dois jovens: nascido em Tolosa, tomára corpo em Paris, e convertêra-se em paixão violenta.

As disposições preliminares de uma união, que se apresentava debaixo de tão felizes auspicios, seguiram immediatamente ao consentimento que Lafaille deu ao pedido do joven Garan, e de sua mãe. Já estava assignado o dia das nupcias, já os dois amantes, menos sujeitos pela auctoridade paterna, construiam para o provir encantados edificios, que a preoccupação chama castellos no ar; quando um d'esses acontecimentos, que desconcertam os planos melhor combinados, veiu de repente transtornar e destruir todas essas esperanças de felicidade.

O Joven capitão recebeu, inesperadamente, ordem de reunir-se no termo de vinte e quatro horas ao seu regimento, que ia embarcar para as Indias, na esquadra do commando do conde de Forbin, que logo devia fazer-se de vela.

Apoderado de violenta desesperação, Jorge correu a participar esta funesta nova a Clemencia e a seu pae. A joven só manifestou a principio a sua profunda dor por um melancholico silencio; porém bem depressa lagrimas abundantes trahiram esta resignação affectada, e descobriram todas as angustias de sua alma. O austero magistrado parecia dominar a emoção, mas estava pallido, e via-se em suas feições o sêllo de viva e profunda tristeza.

— Senhor de Lafaille (lhe disse Jorge), só ha um meio para escapar á desgraça que me ameaça, é dar a minha demissão; mas o amor de Clemencia não me basta; quero tambem possuir a sua estima, e certamente não a merecêra, se fosse capaz de commetter uma baixeza.

Lafaille apertou-lhe silenciosamente a mão em signal de assentimento.

Garan aventurou-se timidamente a deixar presentir os projectos que havia concebido, e não eram outros senão obter o consentimento de Lafaille para o seu casamento repentino e immediato, e levar comsigo sua joven esposa; mas teve que resignar-se a deixal-a ao lado de seu pae, havendo-se por ditoso em levar comsigo o doce titulo de esposo, que mais tarde devia coroar todos os seus desejos.

O rigido presidente luctava com suas armas habituaes, a razão e o sentimento. Determinou que o casamento se verificaria findos que fossem os dois annos que devia durar a ausencia de Jorge.

Adoptado irrevogavelmente este partido, tornou a severidade parlamentar a recuperar todos seus direitos: já não foi licito a Clemencia e Jorge fallarem como até alli o tinham feito: o olho vigilante de Lafaille espiava até o seu olhar, e movimento de seus labios. Entretanto, apesar da zelosa vigilancia do magistrado, no momento em que Jorge ia separar-se da sua amada, soltou rapidamente estas palavras, que foram ferir-lhe o ouvido e o coração:

— Clemencia, esta noite ás dez horas no jardim!

Clemencia olhou para Jorge com espanto, mas viu-o tão alterado e convulso, que respondeu:

— Irei.

O austero presidente nada viu nem ouviu.

N'aquella noite ás dez horas em ponto ambos os amantes se encontraram no jardim, e alli fizeram mil protestos d'amor, de fidelidade, e de constancia.

II

Quatro annos depois da scena que acabámos de bosquejar, Jorge de Garan, cujo regimento fôra quasi todo destruido nas Indias, em termos que, havendo o mesmo Garan sido ferido, e caído prisioneiro, todos o houveram por morto; chegou a Paris, e dirigiu-se á casa em que sua mãe habitava na rua de S. Luiz.

Para celebrar o regresso inesperado d'aquelle filho querido dispoz ella um magnifico festim. Uma multidão d'amigos, parentes, e alguns companheiros da infancia e juventude, foram convidados á festa. A senhora de Garan, louca d'alegria, communicava á assemblea parte d'aquella felicidade intima, que o seu coração de mãe sentia. Todos, seguindo o seu exemplo, se entregavam ao prazer que inspirava a volta inesperada do joven capitão. Só Jorge estava outro, e não respondia ás manifestações de contentamento de que era objecto, senão com uma tristeza silenciosa.

— Peço-vos perdão, minha mãe, e desculpa, meus amigos (disse Jorge por fim) de não participar como devêra da alegria commum; mas as desgraças fizeram-me supersticioso, e ha impressões que é impossivel dominar. Esta manhã, ao chegar a Paris, vi, passando por diante da egreja de S. Germano, preparativos d'um funeral. Toda a porta da egreja estava forrada de preto; uma fileira de pobres, com tochas accesas, esperava no atrio a saída do feretro, cuja marcha lenta e solemne ia compassada pelos cantos lugubres e sinistro dobre dos sinos. Considerando este fatal encontro como um presagio de desgraça, ausentei-me d'aquelle sitio o mais depressa que pude, mas com o coração extremamente opprimido. Apesar de quantas reflexões tenho feito para tranquillisar o espirito: por mais que agora mesmo trate de dar outro rumo a meus pensamentos; tenho sempre diante dos olhos aquelle feretro, aquellas pallidas tochas, aquelle lucto!

— Essa ceremonia funebre, que em vossa alma produziu tão viva e desagradavel impressão (disse um dos convidados) deve ter sido o enterro da formosa esposa de Boissieux, presidente do supremo tribunal, que hontem morreu após uma enfermidade de dois dias apenas.

— Formosa lhe chamaes vós! (interrompeu Jorge);

mui formosa deve ter sido para merecer esse nome!

— Assim era (replicou outro convidado). Em Paris conheciam-na pelo nome de formosa presidenta, do mesmo modo que em Tolosa tinha sido conhecida pela formosa Clemencia Lafaille.

— Que! Clemencia Lafaille morreu? (exclamou Garan). Enganaes-vos: não póde ser. Porventura a esposa de Boissieux e Clemencia Lafaille são uma mesma pessoa? Explicae-me.... explicae-me este mysterio....

— Meu filho (lhe disse a mãe, a quem a emoção e pallidez de Jorge gelavam); ainda que a sorte quiz que fosses hoje espectador dos funeraes da senhora de Boissieux, fôra inutil prolongar mais a tua ignorancia. Sim, a presidenta de Boissieux é a mesma Clemencia.... Casou, porque o rumor da tua morte chegou a ser tão acreditado, que eu propria a chorei, e me vesti de lucto. Casando com o presidente Boissieux, digno a todos os respeitos do carinho e ternura d'uma virtuosissima esposa, não fez mais que obedecer ás determinações de seu pae.

Jorge escutava commovido. Nada respondeu. Grossas lagrimas lhe caíram silenciosamente pelas faces, sobre a cruz de S. Luiz, que lhe brilhava no peito, recompensa gloriosa da sua intrepidez, concedida pelo rei logo que desembarcára em França.

Desfeita a companhia, ficou Jorge a sós com sua mãe, que, para o consolar, inutilmente redobrava esforços

III

Chegada que foi a noite, Jorge de Garan embuçou-se na capa, tomou armas, proveu-se de boa quantidade de moedas de ouro, e frustrando a vigilancia dos criados de que sua mãe o rodeára, saiu de casa e dirigiu-se a passos largos para o cemiterio da egreja de S. Germano. Chegado ao sitio mais isolado d'um bairro quasi deserto, bateu á porta d'uma pequena casa, de pobre e ruim apparencia, onde vivia o coveiro.

— És um pobre miseravel (lhe disse Jorge): posso fazer-te rico n'um instante. Queres?

O coveiro vivia em verdade na maior indigencia. Carregado de filhos, apenas podia com o producto do seu trabalho proporcionar-lhes o sustento diario. Ao ver em sua casa um cavalheiro tão ricamente vestido, resolveu fazer-lhe pagar o mais caro que pudesse o serviço que por ventura lhe ia exigir.

— Capitão (respondeu o guarda dos mortos), não desejo senão chegar a ser rico, e se para o conseguir não comprometto a cabeça n'este mundo, nem a salvação da alma no outro, estou á vossa disposição.

— Nem cabeça nem alma arriscas em tudo isto (replicou Jorge vivamente): trata-se de abrir agora mesmo uma sepultura que esta manhã fechaste; de tirar d'ella um ataúde, e de me deixar ver e contemplar a mulher que elle encerra.

— Pelos ossos de meu pae! Não farei tal (exclamou espantado o coveiro). Não darei a alma ao demonio commettendo tamanho sacrilegio!

— Aqui tens pelo sacrilegio (lhe replicou Jorge, atirando-lhe com um punhado de ouro sobre os velhos epitaphios apagados pelo tempo, que formavam o revestimento da habitação).

— E se me lançam nas galés?

— Aqui tens pelas galés (tornou Jorge, atirando-lhe com outro punhado de ouro).

O coveiro fez ainda tres ou quatro objecções. Tranquilisada por fim a consciencia, pelo brilho dos luizes que resplandeciam na casa immunda, como estrellas em ceo nebuloso, decidiu-se ceder ao capitão. Tomou a pá e a enxada, deu a Jorge uma lanterna, e ambos caminharam para a sepultura, onde havia poucas horas repousava a que fôra formosa presidenta de Boissieux, e adorada joven Lafaille.

Depois d'alguns minutos de trabalho, durante o qual o coração de Jorge bateu com violencia, foi o ataúde descoberto, e collocado sobre a borda da cova.

— Aqui está (disse friamente o coveiro), fazei o que vos parecer, que por mim conclui a minha obrigação.

— É preciso levantar a tampa (disse Jorge). Já esqueceste o contrato?

— Isso é que é justamente o mais difficil (tornou o coveiro grunhindo).

— Desgraçado! (interrompeu o capitão mostrando-lhe um punhal). Já te dei bastante ouro: livra-te que recorra ao ferro!

Isto mudou completamente a resolução do coveiro. Poz mãos á obra, e dentro em pouco o corpo da esposa de Boissieux rodou sobre o cespede envolto na sua mortalha branca.

Jorge ajoelhou diante d'este cadaver, e permaneceu submergido em profundo recolhimento.

O coveiro vendo que o cavalheiro, a quem por vezes tinha dirigido a palavra, continuava na immobilidade e no silencio, inferiu que ainda havia alguma cousa a fazer, saiu da cova a que tinha descido, approximou-se do cadaver, e apartou a mortalha para descobrir o rosto da finada.

A este aspecto uma chispa electrica pareceu ferir a alma de Jorge. Tinha reconhecido Clemencia Lafaille!

Ainda as pallidas violetas da morte não tinham substituido n'aquellas feições puras o animado carmim da vida! Ainda era formosa, ainda o sêllo derradeiro não apparecia impresso n'aquella fronte!

Jorge apertou docemente este cadaver entre os braços, sentou-o nos joelhos, collou-o ao coração, fallou-lhe d'amor e felicidade, recordou-lhe os dourados dias do passado. . .

De repente soltou um grito, que resoou por todos os angulos do cemiterio! Depois um riso convulsivo! Depois o silencio da morte!

O coveiro, que permanecia em distancia, e estava meio adormecido, levantou-se immediatamente para chegar-se ao cavalheiro. Mas foi em vão, que só de longe o pôde ver fugir por entre os tumulos, levando nos braços o cadaver que acabava de arrebatar á paz do tumulo. . .

(Continúa).

ENIGMA PITTORESCO.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.